

Coleção de grifes

O JB ajuda o eleitor a desenhar a alma do Brasil do futuro

Augusto Nunes

Antes que as urnas falem, nenhuma eleição está decidida. Eis aí uma velha verdade que, no entanto, deve ser reiteradamente lembrada no Brasil, antes que o país se renda à falácia segundo a qual a voz das pesquisas é a antecipação da voz de Deus.

Feita a ressalva, admita-se que o Brasil surgido das eleições de outubro tenha a cara de Lula. O corpo, representado pelos governadores, não tem contorno claramente definido.

É, sobretudo, impossível adivinhar a alma, que se confunde com o Poder Legislativo.

Com estes cadernos especiais, o JB pretende ajudar os leitores a escolher também deputados estaduais, deputados federais e senadores efetivamente preparados para modelar o Brasil do futuro. Por isso, o jornal mobilizou uma

equipe de jornalistas e colaboradores que compõem o mais vistoso conjunto de grifes da imprensa brasileira. Confira nas páginas seguintes.



Bolsa
Família
cobra
correções

■ 2 e 3

Baixio de
Irecê,
cidade
fantasma

■ 4 e 5

Imagens
da jornada
diária de
Cristovam

■ 6 e 7



BOLSA FAMÍLIA ■ Unanimidade entre as promessas dos candidatos à Presidência, programa deve corrigir falhas nos próximos quatro anos

Os remendos que faltam na bolsa

Mariana Filgueiras

Às margens da Via Dutra, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, uma comunidade carrega expectativas até no nome. Na favela Boa Esperança, não há saneamento básico, luz ou asfalto. Os barracos são escorados por galhardetes de políticos, mas os moradores não sabem em quem votar. Mesmo assim, esperam que o próximo presidente não recolha o bem mais valioso que têm: o cartão do Bolsa Família. Com 11,1 milhões de famílias assistidas, o programa deixou de ser apenas a muleta da reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Tornou-se uma unanimidade entre os candidatos à Presidência da República. Todos asseguram a manutenção da transferência de renda. A convite do **JB**, especialistas listam os erros a serem corrigidos no futuro do programa que já sustenta um quarto da população brasileira.

■ A porta de saída da pobreza

Doutora em Sociologia Rural, Sebastiana Rodrigues de Brito é co-autora do livro *Transferência de renda - Nova face de proteção social?*. Depois de analisar a incorporação do Bolsa Escola e do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti) pelo Bolsa Família, de 2001 a 2004, a conclusão foi a de que **o programa impõe a frequência escolar, mas não analisa a qualidade do ensino.**

- Encontrei crianças cochilando na carteira da escola - lembra Sebastiana. - Os professores tinham pena de denunciar as que faltavam, por saber que se perdessem a bolsa, perderiam a escola. Isso não é inclusão social.

Sebastiana também critica a **falta de inserção no mercado de trabalho.**

- As crianças vão à escola, são vacinadas, e as mães ficam em casa sem produzir renda. Curso de artesanato não é capacitação profissional - observa. - Se arrumam um trabalho que paga mais do que a bolsa, abandonam a sala de aula.

Chefe do Centro de Pobreza da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o economista Marcelo Nery avalia com otimismo a iniciativa de unificar o cadastro dos programas sociais anteriores, mas lembra que **é preciso transparência na atualização dos dados.**

- Não só informações sobre os assistidos, como os dados de transferência de renda aos municípios. Tudo tem de estar na internet.

Nery explica que, para abrir a porta de saída da pobreza, **o pro-**

grama deve agregar serviços, como o microcrédito.

- Garantir escola e vacinação é pouco. É preciso exigir mais. Atrelar a bolsa a resultados eficientes na qualidade de ensino.

Integrante do Basic Income Earth Network (Bien), centro de estudos de programas de transferência de renda no mundo, o sociólogo Yannick Vanderbrought acredita que a **burocracia nas inscrições** deva ser o primeiro erro a ser corrigido.

- Com bolsas duplicadas e pessoas sem o benefício, o programa anda para trás.

Yannick lembra também que o fato de o Bolsa Família ter um fim pré-estabelecido - quando as crianças deixam a escola - **estimula o mercado informal.**

- Se o estudante deixa de receber a bolsa porque arrumou um emprego formal, é natural que procure se encaixar no mercado informal.

■ Quando o benefício vira 'sorte'

Na principal rua de Boa Esperança, duas famílias recebem a bolsa. Diná de Souza Bezerra, 24 anos, tem três filhos e vergonha de depender do auxílio. Mas admite que parou de trabalhar quando começou a recebê-lo.

- Se não fosse esse dinheiro eu não teria nada - conta Diná.

A dona de casa Bianca Alves Balbino Teixeira, 24 anos, tem orgulho do cartão amarelo. Bianca sustenta os quatro filhos com os R\$ 95 que recebe. Não trabalha porque não tem com quem deixá-los. E faz questão de mostrar os cartões de vacinação, para provar que merece a renda:

- Tem gente que não precisa e ganha o dinheiro. Eu mereço.

No barraco ao lado, o orgulho vira resignação. A cozinheira desempregada Tábata Santana da Silva, 28 anos, fez a inscrição no mesmo dia em que Bianca e tem três filhos matriculados na escola, mas ainda não recebeu o cartão. O sustento da família vem dos R\$ 20 que o marido ganha por semana como pedreiro.

- No dia da inscrição, eu não tinha dinheiro para a xerox dos documentos. Então gastei a passagem de ônibus, só para não perder o cadastro. Mas não tive sorte - lamenta Tábata, com o protocolo, feito há um ano e quatro meses. - Todos aqui são pobres. Por que só uns recebem?

Secretária do Ministério do Desenvolvimento Social, Rosani Cunha responde:

- O programa ainda é muito novo. Estamos investindo em tecnologia, fazendo auditorias e estabelecendo novos mecanismos de cadastro.



Diná tem vergonha da ajuda

■ Promessas para mais quatro anos

Lula

O programa de governo do presidente e candidato à reeleição garante a ampliação da abrangência do Bolsa Família. As novas metas, no entanto, só poderão ser fixadas depois do resultado das eleições. A atualização do número de famílias com renda inferior a R\$ 120 virá da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2005, que só será divulgada em janeiro de 2007.

Geraldo Alckmin

Além de reiterar a paternidade do Bolsa Família, com o argumento de que o programa nasceu a partir do Bolsa Escola, implementado na gestão

Fernando Henrique Cardoso, o candidato do PSDB promete criar o programa Ação Jovem: bolsas para que jovens de 15 a 24 anos que abandonaram a escola voltem a estudar.

Heloísa Helena

Apesar de garantir a manutenção do programa – com a proposta de dobrar o valor do pagamento – a candidata do PSOL reitera as mudanças que serão atreladas ao benefício: escola em tempo integral, capacitação e profissionalização do trabalhador e inserção no mercado de trabalho.

Cristovam Buarque

Primeiro a implantar um programa de transferência de renda no país, quando governador do Distrito Federal, em 1995, o candidato do PDT assegura que vai retomar as características originais do Bolsa Escola, em que o foco era a frequência escolar.



Na comunidade Boa Esperança, a família de Bianca é uma das poucas que recebem o benefício. Os R\$ 95 são a única fonte de renda



Crianças que têm acesso ao programa brincam com as que não têm: o Bolsa Família ainda não tirou a infância da lama

DOCUMENTO HISTÓRICO ■ Uma das maiores obras do

Rio São Francisco, o Baixio de Irecê

desde que Lula assumiu. Os 180 mil empregos prometidos no megaprojeto não passam de 20

A cidade fantasma do São Francisco

Rodrigo Camarão

Enviado especial

■ XIQUE-XIQUE (BA). Xique-Xique vive da pesca e das histórias de pescador. A maior delas saiu de um operário em 1994. Luiz Inácio Lula da Silva passou com a Caravana da Cidadania pela cidade baiana e fez de isca um dos maiores programas de irrigação para o povo ribeirinho do São Francisco. Mas o projeto caiu na rede do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, responsável pelo início do empreendimento. Lula assumiu em 2003, fez a montagem das máquinas e deixou tudo de lado. O Baixio de Irecê é hoje uma cidade fantasma.

No papel, os números são

pomposos. A placa informa que a construção daria emprego a 180 mil trabalhadores ao todo. Só 20 batem ponto, incluindo a equipe de manutenção e os seguranças, divididos em três turnos. Falta trabalho e sobra melancolia. Seriam construídos 95 mil hectares, mas apenas 1.500 viraram realidade. Estão prontos para o uso, que não é liberado pelo governo. O canal previsto de 87 quilômetros tem 13, e olhe lá.

O Baixio de Irecê leva o nome de uma cidade mas está em outra. Fica a 40 quilômetros do centro de Xique-Xique – que também é um tipo de cacto comum na região – e a mais de 100 de Irecê. É um mistério para os habitantes do local. A obra consiste em desviar a água do rio

para o canal e vender, com financiamento do governo, 3.329 lotes irrigados para pequenos e médios lavradores, além de áreas para grandes empreendimentos. A terra, dizem, é boa. Com irrigação, planta-se tudo. A expectativa era de que se colhesse 2,4 milhões de toneladas. Mas a água está parada, junto com a obra. Resta, a quem

“ As bombas só são ligadas para a manutenção a cada semana, já que a obra está parada.

Renato Sandro Alves Ferreira, engenheiro do Baixio Irecê

já trabalhou ali, pescar.

Gastaram no Baixio dinheiro que não cabe numa carreta, resignam-se os moradores da cidade. O engenheiro civil Renato Sandro Alves Ferreira, um dos responsáveis pelo canteiro do Baixio, transforma em cifra o ditado popular: R\$ 40 milhões, só na primeira etapa. Renato não está entre os 20 empregados da obra. Já é funcionário da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), do Ministério da Integração Nacional. Mora em Irecê e foi deslocado para lá.

– Temos três bombas, cada uma delas com capacidade para puxar 3.500 litros de água por segundo – explica. – Só são ligadas para a manu-

tenção a cada semana, já que a obra está parada. Precisam estar em funcionamento.

Renato Sandro lembra que o Baixio de Irecê é mais uma Parceria Público-Privada (PPP) que não deu certo. A obra começou em 1999, no governo Fernando Henrique Cardoso, pelas mãos da Andrade Gutierrez. O contrato venceu, o consórcio Pem/Pampulha assumiu a montagem no governo Lula e, logo depois, tudo parou.

De Xique-Xique vieram os cabos de alta-tensão, necessários para o funcionamento das máquinas. Os grandes postes elevam-se acima das casas de taipa e modificam a paisagem. Mas o povo ainda se pergunta quando vai ver a utilidade daquilo.

■ A luta contra o sol em busca da sobrevivência

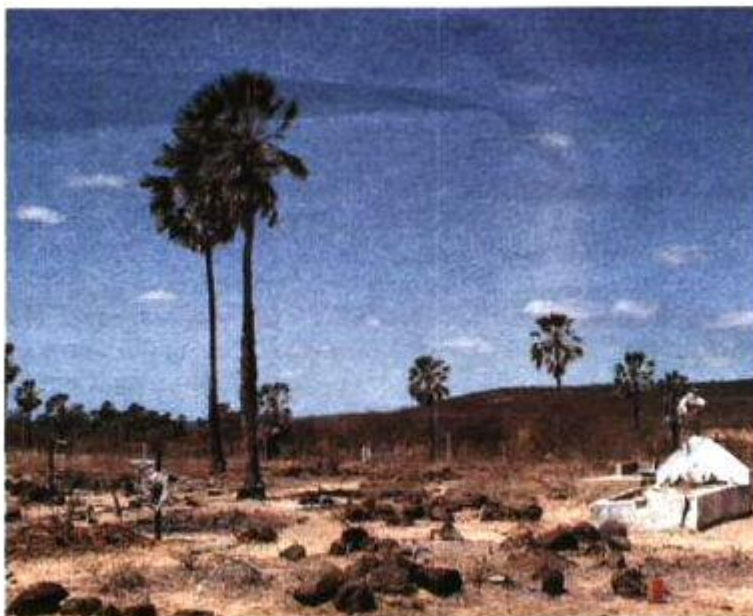
O canto da seriema soa como música para os ouvidos do sertanejo. É prenúncio de chuva e de comida. De ambos os lados da estrada irregular de pedra britada que liga Xique-Xique ao Baixo de Irecê, estendem-se plantações de cebola sobre a terra morta. O povo pobre da região viu no bulbo da planta uma chance de sobrevivência. Em seis meses, com os cuidados devidos, o veneno contra pragas aplicado na hora certa e a ajuda de São Pedro, há retorno. A con-

corrência, entretanto, foi desleal com quem apostou na cepa. Da Argentina, cebolas chegavam mais baratas às mesas do Rio e de São Paulo. Produtores que haviam enriquecido com a planta e estacionavam dois Mercedes-Benz na garagem, não tinham nem bicicleta mais, lembram os moradores. Plantar no semi-árido é tão arriscado quanto jogar na roleta.

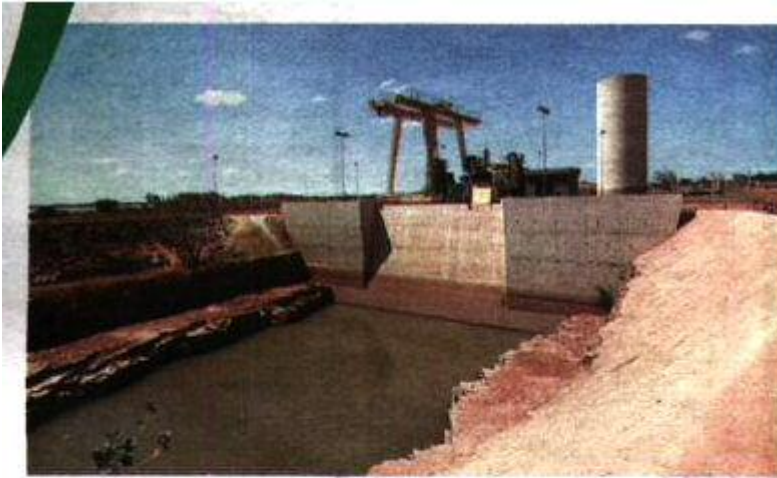
No meio do caminho entre o Baixo de Irecê e o povoado

mais próximo desponta o cemitério de Boa Vista. Fica a poucos metros da escola estadual do vilarejo de uma rua, que cabe num olhar. A maior parte dos moradores se resente de ter perdido emprego no grande canteiro de obras do megaprojeto abandonado. Sonham com o dia em que Lula, reeleito, possa fazer as máquinas funcionarem de novo.

Em anos eleitorais, candidatos a deputado e a governador lembram-se de Boa Vista. Aparecem por lá, colam cartazes nas portas, demarcam território. Depois somem, mas os habitantes já estão acostumados. (R.C.)



O cemitério de Boa Vista fica entre o Baixo e o povoado



O canal de aproximação traz água do rio até a barragem



O jegue é o meio de transporte dos habitantes de Boa Vista



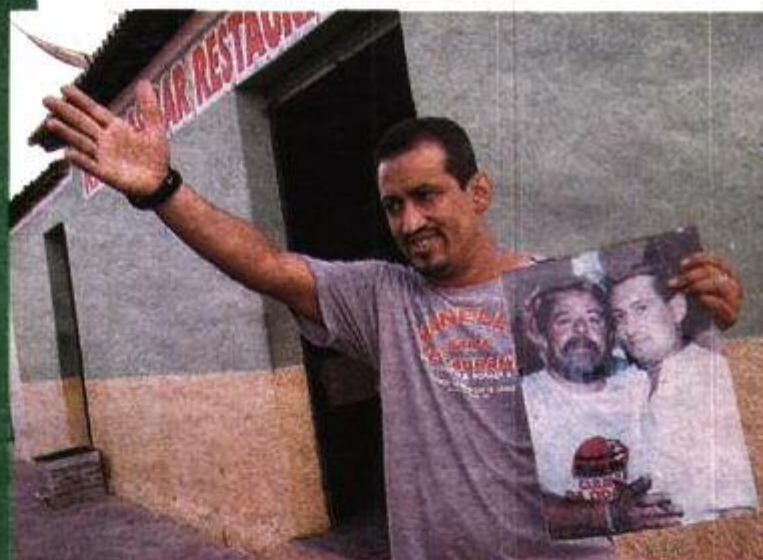
Magro, o gado cruza a estrada no caminho para o Baixio Irecê

■ACM na cabeça. Lula no coração

O povo do interior baiano consegue ser ao mesmo tempo Antonio Carlos Magalhães e Lula. Nos mais de 2.500 quilômetros que o JB rodou no rastro do então candidato a presidente em 1994, Geraldo Alckmin é a ausência mais notada. Nem nas cidades onde há comitês de campanha de Paulo Souto, o governador favorito à reeleição pelo PFL da Bahia, se encontra nada que faça menção ao nome de Alckmin. Fotos, nem pensar. Jaques Wagner, ou apenas Wagner, ex-ministro e aspirante ao governo baiano, é mais citado nos programas de TV do PFL – acompanhado de ataques diretos, claro – do que o candidato a presidente.

Aos grotões, chegam pela TV escândalos como o mensalão e a máfia dos sanguessugas, mas isso não se traduz em votos nem aumenta o nível de conhecimento do adversário de Lula. Muitos, na verdade, nem sabem quem são os oponentes.

Lula é um retrato na parede do bar Kanellas, no centro de Xique-Xique. Abraçado ao homem de barba preta cerrada está o dono do estabelecimento, Antônio Peixoto de Mello Júnior. Enquanto comem, pouquíssimos clientes reclamam do fato de esbarrar com o olhar indiferente



Antônio Kanellas cobra de Lula, com quem posou para foto

de Lula para a lente do fotógrafo, atrás da moldura. A maior parte da cidade está com o atual presidente, e não abre.

– Quando Lula veio aqui, em 1994, prometeu dar empregos, renda. O projeto do Baixio de Irecê faria tudo isso. Mas quando assumiu, parou a obra toda – lamenta Tonho Kanellas, como é conhecido no município. –

“ Quando Lula veio aqui, em 1994, prometeu dar empregos, renda. O Baixio de Irecê faria tudo isso.

Antônio Kanellas,
comerciante e eleitor
de Lula

Não continua a obra por causa da briga política com o ACM. Quem paga somos nós. Esse Baixio iria ajudar tanta gente... Xique-Xique não tem nada hoje, basta olhar a margem do rio.

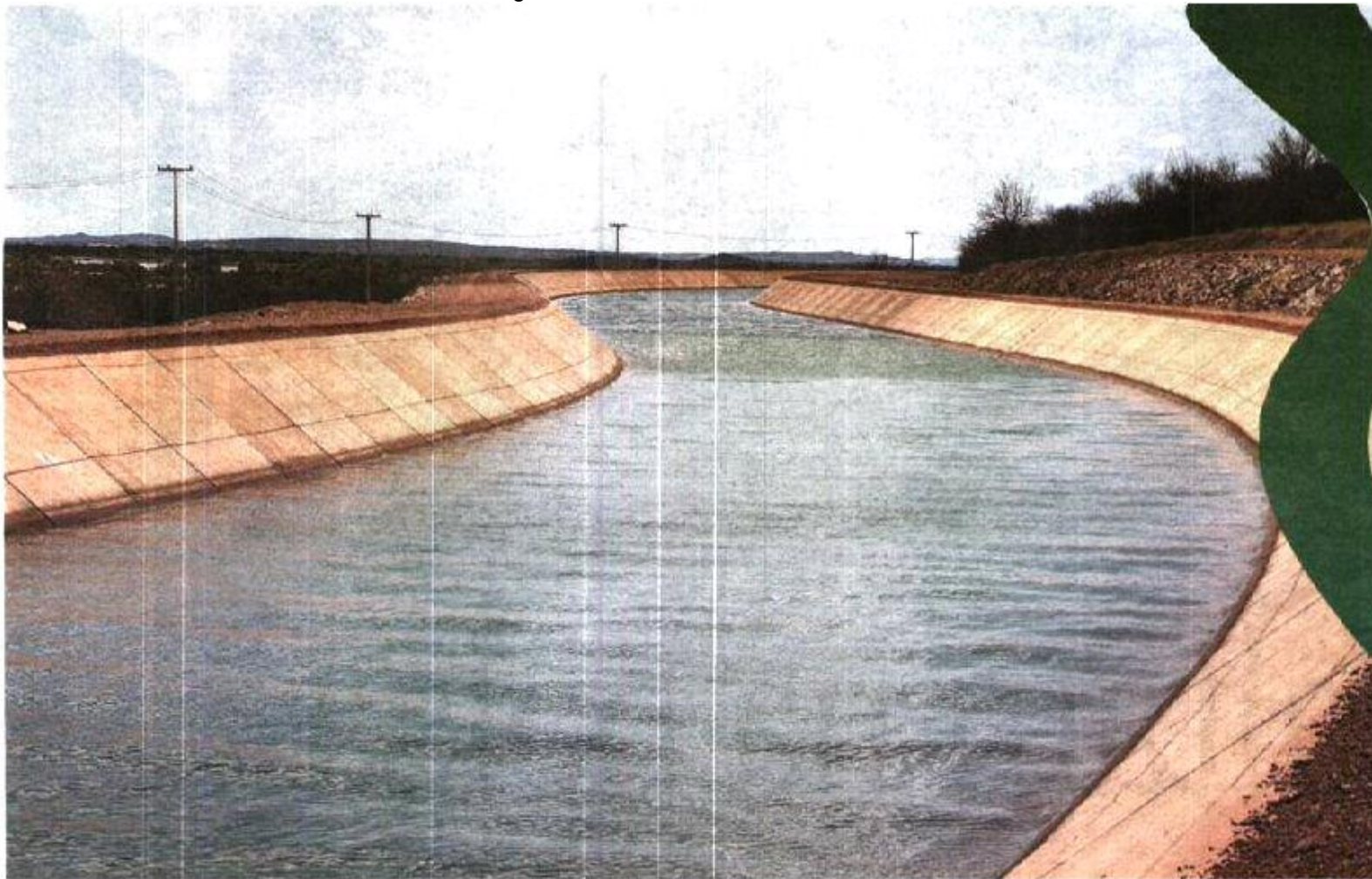
Da rua, pequenas barracas de comerciantes e um muro de dois metros escondem o espelho d'água. O ambiente lembra a beirada da linha férrea no subúrbio carioca. Só que no lugar dos trilhos está um braço do São Francisco. Para chegar à margem, é preciso subir uma escada e descer uma rampa. O leito do rio propriamente dito está quilômetros à frente, no sopé da serra. No trecho, onde fica o mercado de peixes, o lixo se acumula – garrafas pet, pedaços de madeira, sacos plásticos, cabeças de peixe. Não existe motivo de orgulho para o povo de Xique-Xique. (R.C.)



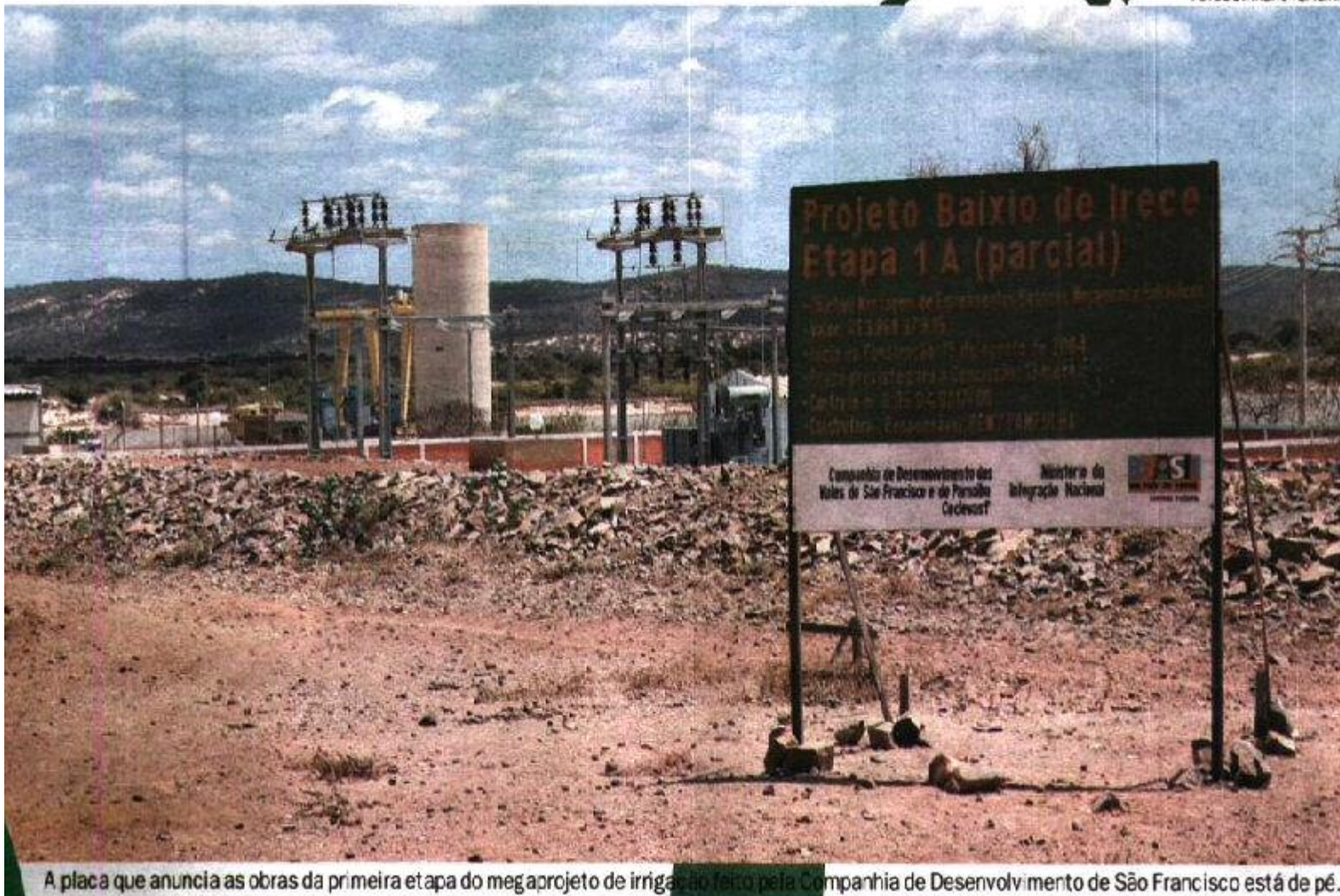
As plantações de cebola precisam de cuidados especiais para dar lucro



Os porcos substituem cachorros em algumas casas. As famílias não têm água, luz, hospital nem saneamento básico.



O projeto prevê o bombeamento da água do São Francisco para um canal de 87km de extensão. Só 13km destinados à irrigação foram construídos



A placa que anuncia as obras da primeira etapa do megaprojeto de irrigação feito pela Companhia de Desenvolvimento de São Francisco está de pé.

ENSAIO ■ Com 1% das intenções de voto, o candidato do PDT detesta intervenções em sua imagem, centraliza as decisões da equipe de campanha e se mostra despreocupado com pesquisas

Cristovam Buarque, sem maquiagem

Karla Correia

■ BRASÍLIA. Em um esforço diário, a maquiadora Marina Praia consegue fazer o candidato do PDT à Presidência da República, Cristovam Buarque, aceitar pó compacto, corretivo e base. Mas só um pouquinho para gravar os programas do horário político.

– Ele não gosta de disfarces, não aceita intervenções em sua imagem – observa, enquanto pinga nos olhos irritados do candidato o colírio comprado por sua mulher, Gladys Buarque.

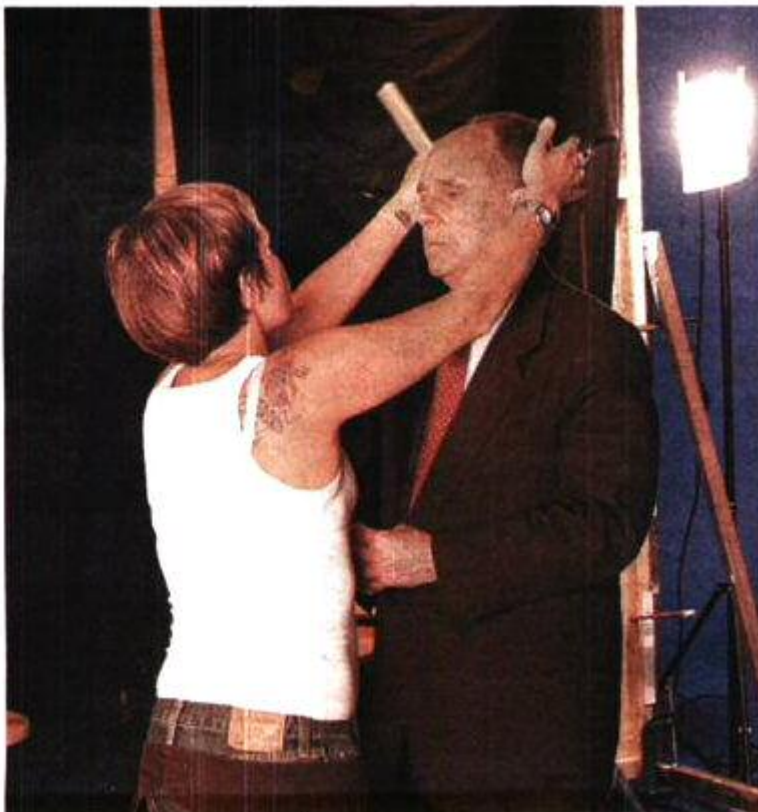
Que o diga o baiano Carlos Eduardo Andrade, responsável pela publicidade do candidato.

Inquieto, ri do comentário de um colega de equipe, que o define como um raro caso de inversão de papéis.

– Normalmente o marqueteiro convence o candidato a se comportar de uma forma determinada. Aqui, foi o candidato que fez o marqueteiro se comportar como ele queria – graceja Badú, o jornalista do time. Carlos Eduardo concorda. Quem manda nos roteiros dos programas é Cristovam. – É uma vitória quando ele aprova um texto – diz o publicitário. Bom de improviso, costuma acertar de primeira nas gravações. E aproveita o tempo vago para o cafezinho na produtora.



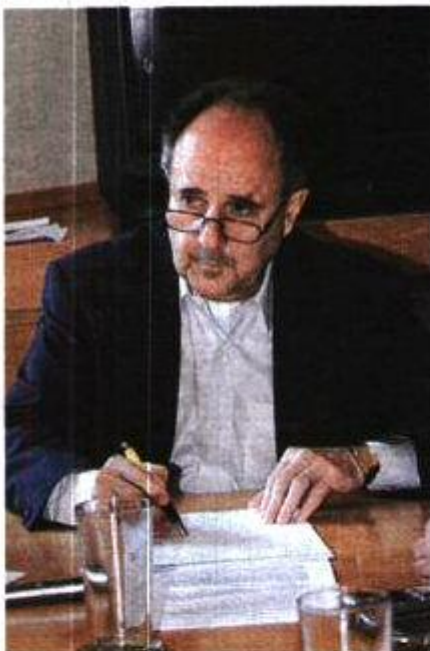
Nos momentos de descontração entre as gravações na Fábrica Filmes, Cristovam Buarque aproveita para bater papo ao ar livre com a equipe de produção e ouvir opiniões. Do lado de dentro, fica o burburinho de candidatos aliados, ensaiando falas, aguardando para gravar com o senador



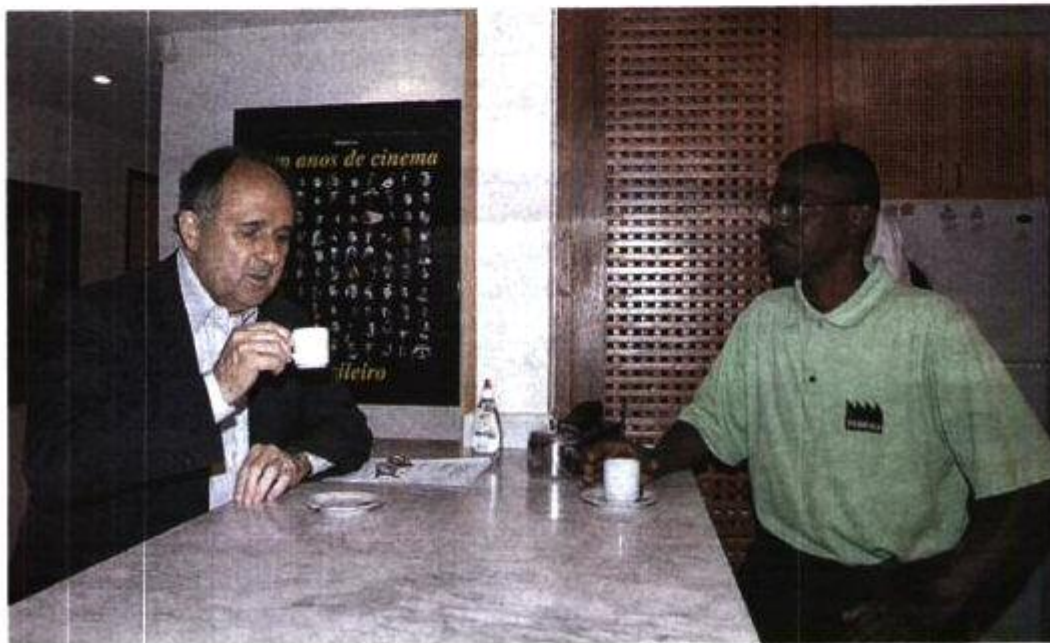
A pomada para assentar os cachos que teimam em saltar da nuca do senador é um dos poucos truques admitidos



Companhia inseparável do senador, o celular só é abandonado dentro do estúdio, com câmeras e luzes de gravação ligadas.



Cristovam controla as peças publicitárias e define os temas de cada programa. A equipe de criação apenas dá aos textos o formato para TV, conta um publicitário



Desde cedo no estúdio, o candidato relaxa um pouco na pausa para o café. Logo em seguida terá uma reunião com a equipe de criação. E mais gravações, ao longo do dia



O candidato gosta de revisar as peças da campanha, controlar os detalhes e estudar o trabalho dos publicitários enquanto descansa



Cuidadoso, Cristovam revisa cada filmagem e dá dicas sobre textos para os próximos programas.



“ Ele é tímido, mas se transforma diante de uma polêmica. Cresce no debate, tem fome de convencer as pessoas. É assim nos programas

Carlos Eduardo Andrade, o “criativo” da campanha



O escritório do candidato na produtora é também uma extensão do gabinete do senador. Campanha e Congresso dividem espaço na sala montada dentro da produtora



Cristovam é rápido e bom de improviso no estúdio